

DEZ MINUTOS NO MUSEU / PERSPECTIVAS DO GRITO

Adriana da Costa Teles – adriana_c_teles@hotmail.com

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-3032-3463>

...adolescentes barulhentos e indiferentes pararam em frente ao quadro. Se pudessem, seguiriam caminho, mas era obrigatório ouvir o professor que servia como guia. Olharam. Acharam feio (muito feio). O rapaz, pedindo atenção, lembrou-os de que a pintura, avaliada em milhões de dólares, havia sido roubada por bandidos armados em Oslo, anos antes, mas felizmente fora recuperada tempos depois. O fato pareceu atrair a atenção de alguns. Como algo tão assustador poderia valer milhões? E pior: se alguém havia roubado aquilo, é por que haveria pessoas dispostas a pagar (possivelmente uma fortuna) para tê-lo perto de si... O fato fez com que alguns permanecessem segundos extras no local. Um rapaz muito magro com espinhas no rosto, olhar profundo e quieto disse algo sobre um episódio dos Simpsons à jovem ao seu lado... Sim. A brincadeira provocativa – irônica – com o referencial tão dramático. Isso ele não disse. Apenas pensou. Talvez nem tivesse pensado. Era a lembrança que vinha de mistura com a sensação e tudo formava um todo indiscernível e pouco delimitável, que ora assaltava a sua mente. A maioria dos jovens começou, então, a se dispersar do grupo, dando continuidade na incursão pelo museu e fazendo com que o professor de discurso incansável seguisse em frente, mesmo sem ter dado todas as informações sobre o movimento expressionista. Foi o que aconteceu com o rapaz, que seguiu com a pequena multidão de alunos. Por raros instantes não havia ninguém em frente à pintura de Munch, solitária em seu desespero. Nesse momento, uma mulher muito magra, elegante e ainda jovem, entrou com cuidado. Avistou o banco vazio em frente à tela, apesar de um pouco distante dela, e foi em sua direção. Sentou-se. A bolsa do lado esquerdo do corpo. As pernas bem juntas uma ao lado da outra. O sapato de salto e tonalidade clara. As mãos muito brancas e levemente trêmulas. Olhou a tela inundada em uma admiração sofisticada e, enquanto contemplava a obra, não se deu conta de que uma senhora de rosto e roupas gastas entrava pela porta de acesso do lado direito. Era bom. Ela queria mesmo passar despercebida. Vinha com cuidadosa humildade. Achava, no fundo, que não tinha roupas apropriadas para estar ali de maneira outra que não na faxina. Ia estimulada pela Quitéria. “Vai,... é público. Mais feio do que aquilo, é impossível a senhora tá...”. Parou em profundo silêncio e olhou. A mão esquerda segurando a bolsa pelo hábito. Os pés calçados em sandálias baratas e confortáveis. As mãos calejadas e grossas. Do lado esquerdo da

pintura, quase imperceptível, ressurgiu o rapaz, que voltava para apreciar melhor a imagem que trouxera o desenho animado e outras tantas coisas à sua mente. Parou e olhou fixamente para a tela. Não pareceu perceber que compartilhava o espaço com outras duas pessoas. Ficaram os três ali, olhando a pintura – espaço outrora branco de pouco mais de oitenta centímetros de altura por menos de setenta de largura – perdida em meio a uma enorme parede clara de iluminação perfeita.

O pretense artista

Parado em frente à tela, ele sentia um aperto profundamente incômodo – dentro do peito. Era difícil respirar. Apertou, sem se dar conta, os dedos das mãos em direção à palma e elas pareciam prontas para um murro. Pensou nos desenhos de traços grossos feitos em grafite que produzia em um afã que lhe era pouco claro. Formas em tumulto pouco reconhecíveis eram constantemente produzidas para serem, em seguida, rasgadas e atiradas ao lixo com renovada frustração. Mas ele não podia parar e o ato se repetia sempre. Incansável. Era como comer ou respirar. Não poderia viver sem aquilo. E havia o constante sentimento de incapacidade. Incansável. Invencível. Tudo assim apurado e intenso. ... Sem saída. O que ele não sabia – talvez pressentisse – é que cada desenho que produzia era profundamente expressivo de sua intimidade estranha ao mundo, o que o tornava único e profundamente singular. Sabia, sim, que a experiência era curiosa e cheia de mistério, aperto angustiante e sem nome, que deixava sair de si. Cada desenho produzido era uma parte dele que vinha à vida. Apesar de serem apenas papéis tingidos de cinza escuro (quase negro), cada folha que ele apagava do mundo persistia em suas entranhas – única e inexplicável – como cada dia vivido, cada (des)encontro com o mundo. Era contraditório e perturbador. Olhou fixamente para o grito de Munch, traços grossos, sinuosos e dramáticos, repetitivos e atordoantes, labirínticos e assustadores. Teria ele também se sentido impotente e incapaz algum dia? Perdido naquele labirinto de tintas e cores? Fixou-se no centro da tela. Buraco negro. Angustiante. Agonizante. Som inaudível. Eco mudo pela eternidade. As mãos ainda fechadas para o soco. Teve vontade de beijar aquela boca assustadora.

A recém-divorciada

Ela sabia que Munch havia produzido uma série de gritos – quatro, para dar um número mais preciso – em que buscava retratar as várias fases de um amor. Achava, no entanto, que o resultado – a tela tinha à sua frente, por exemplo – superava a temática, que ia ao encontro de seu momento de vida. O grito falava alto e, de dentro do eco mudo que produzia, era portador de um

horror impossível de ser delimitado. Olhou atentamente. Um suspiro profundo. Voltou o olhar para as mãos, que seguravam o celular, frágeis e anêmicas. Aquela sensação horrível, que queria evitar a todo custo, ameaçando novamente. Era a ausência completa de sentido e justificativa para tudo. Tentou, de dentro de sua fragilidade perturbada, buscar aconchego naquele grito. Não deixar aquela sensação avançar. Encarou o grito. A arte. Experiência sublime, talvez a mais sofisticada que alguém poderia experimentar. A única capaz de justificar... Nunca imaginou que pudesse ver a obra algum dia em São Paulo. E ela estava lá na sua frente. Prestando bem atenção eram apenas pinceladas grossas e onduladas. Só isso. O que via (inclusive a face em desespero) nada mais eram do que curvas grossas feitas de tinta em tons de alaranjados, azuis, marrons... Será que tudo, afinal, se reduzia a isso? Pinceladas grossas sobre o nada? Apreciou a violência daquele entardecer à sua frente. Laranja infernal, pano de fundo perfeito. Não gostava daquela hora do dia. O rio azul num movimento cínico e indiferente. O mundo que segue o seu curso. As pessoas atrás que caminhavam com tranquilidade. Cenário alheio. O todo indiferente. Sim... O todo é sempre indiferente no seu andar narcísico e egocêntrico. De novo, a completa ausência de justificativa para qualquer coisa. A certeza de estarmos sempre sozinhos. Lembrou-se de “Amor e Psique”. O amarelo e o laranja. A confusão dos traços. A precisão dos sentimentos. Os dois. Dois. Um. Fitou o quadro fixamente. Olhos marejados. Tudo embaçando... embaçando... O rio... Queria mergulhar naquelas águas profundas e sombrias.

A Viúva

Ela não podia deixar de ver com os próprios olhos aquela pintura tão famosa e cara. Ouviu dizer que tinha roubada uma vez, no estrangeiro. Tudo tinha começado no morro. Tinha saído na televisão que o tal quadro, junto com outros desses valiosos, ia estar no museu. “Credo em cruz”, tinham falado as vizinhas, “vai ter pesadelo à noite, igual quando tem tiroteio aqui”. Foi nesse momento que surgiu a curiosidade. Taí. Queria ver o tal quadro. Aquele não era o seu setor, mas mesmo se fosse. Queria ir como visitante, mas tinha o problema da roupa e dos cabelos, das mãos ásperas e de todo um contexto desconcertante que ela não sabia explicar, certa, no entanto, de que existia. As pessoas que frequentavam os museus eram chiques e ficavam paradas em frente aos quadros com uma cara esquisita, como se estivessem lembrando de alguma coisa. Sempre em silêncio. Ela gostava do silêncio. Às vezes parecia até que ele tinha som. Acha!? Em todo caso, na noite que uma das vizinhas falou do tiroteio, ela sonhou com o marido morto e o filho que tinha abortado. Um não chegou nem a existir. Era um menino e ia se chamar Pedro. Os dois enterrados. Em algum tempo, eles estariam completamente ausentes deste mundo. Sim, quando ela se fosse,

tudo seria o nada... Praticamente não tinha família. Iam sobrar as fotos. Mas quem iria querer guardar aquelas imagens de gente feia, feliz com coisa que ninguém nem sabe? Ela gostava de foto antiga. Inclusive de pessoas desconhecidas. Ficava olhando bem nos olhos delas e tentava imaginar em que estariam pensando no momento do clique. Nas fotos antigas as pessoas estavam sempre quietas. Posando para a foto. Hoje não. Elas gostam de tirar foto fazendo de conta que estão conversando e se divertindo. Aí põe na rede social para todo mundo ficar com inveja. Ela não colocava dessa coiserada na rede social. A sua vida era no batidão mesmo. O mais diferente nos últimos tempos era o quadro. Olhou para ele. Parecia vivo. Teve medo, mas se sentiu profundamente corajosa. Se pudesse consolaria aquela figura. Afagaria a sua cabeça, a traria para perto do seu peito.

Pouco mais de cinco minutos havia se passado quando uma jovem apareceu para chamar o rapaz que contemplava o quadro com as mãos muito fechadas. Foi então que o celular da mulher magra vibrou anunciando uma chamada e uma lágrima caiu na tela quando ela se voltou para o aparelho. As mãos ásperas da trabalhadora estavam prontas para o afago, mas ela percebeu que era hora de pegar o ônibus. E eles se dispersaram em meio a outras pessoas que chagavam e...